

Sindicatos acusam a gráfica do Senado de concorrência desleal

BRASÍLIA — O Presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Distrito Federal, Hilton Pinheiro Mendes, e o Secretário Executivo do Sindicato do Rio, Eugênio Wetzel, acusaram ontem a gráfica do Senado Federal de fazer concorrência desleal com as empresas privadas. Segundo Wetzel, a contratação de 1.500 funcionários — alguns com salários de até Cr\$ 7 milhões — autorizada no dia 19 de dezembro pelo Presidente do Senado, está causando profunda preocupação no setor por apresentar um quadro de mercado fora da realidade.

Wetzel disse que no Rio existem cerca de 600 gráficas, a maioria de pequeno porte, salientando que as empresas do setor com mais de 100 funcionários já podem ser consideradas de médio e grande porte. As recentes nomeações no Senado praticamente dobraram o número de empregados daquela gráfica.

Hilton Mendes disse, por sua vez, que "o custo do serviço gráfico do Senado e de todas as gráficas estatais que funcionam como cabide de empregos é altíssimo, pois levando em conta o salário de funcionários que recebem sem trabalhar, o serviço sai a peso de ouro". No seu entender, gráficas como a do Senado são um símbolo de desperdício.

Situada num bem guardado espaço de quase 200 mil metros quadrados nos fundos da Esplanada dos Ministérios, a poucos metros do Palácio do Planalto, o Centro Gráfico do Senado é hoje o sonho dos gráficos da cidade: lá, trabalha-se menos e ganha-se mais.

Apesar de não reclamar da falta de serviço — o parque gráfico de Brasília, com cerca de 200 empresas, passa por uma boa fase — Hilton Mendes considera as gráficas particulares "vítimas" do setor es-

tatal. Segundo ele, o Governo gastaria muito menos se entregasse todo o serviço ao setor privado. Afirmou que as gráficas estatais são "muito fechadas" e não há condições nem mesmo de saber quantas são.

— Pelo que sei, apenas o Ministério da Indústria e do Comércio não possui gráfica — disse Hilton Mendes, acrescentando que o Ministério da Agricultura (e suas vinculadas) tem oito em funcionamento, e que a situação da gráfica do Senado — com funcionários em excesso — pode ser generalizada para as demais gráficas estatais.

Para pôr fim ao que chamam de "concorrência desleal", os empresários do setor gráfico tiveram semana passada um encontro com o candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, e em março, promovem uma reunião com representantes de todo o País para discutir a questão.

— É preciso acabar também com as grafiquetas fantasmas — disse Hilton Mendes, referindo-se às gráficas estatais que não têm personalidade jurídica.

Os empresários locais — que pagam a seus funcionários salários que variam entre o mínimo e Cr\$ 2 milhões — reclamam que costumam perder pessoal para a gráfica do Senado, onde os salários são muito mais altos. O Presidente do Sindicato dos Gráficos do Distrito Federal, Djalmir Augusto de Assis, confirma: "Todo mundo quer ir para a gráfica do Senado e se fazer".

O sindicalista criticou duramente as últimas nomeações para a gráfica do Senado, por considerar que a preocupação, no caso, deveria ser a contratação de profissionais, "e não essa quantidade de gente que nem é da categoria e no final do mês só vai receber".

Além das publicações oficiais — setor pelo qual os empresários estão dispostos a lutar, embora esteja incluído nas funções das gráficas estatais — Hilton Mendes disse ter recebido denúncia de que a gráfica do Senado tem feito serviços para particulares. Sem citar casos específicos, acha que isso se deve à "influência de políticos" e prejudica muito a iniciativa privada, pois os preços são sempre menores.

Segundo o empresário, nem mesmo as pessoas ligadas ao setor sabem exatamente como funciona a gráfica do Senado e o tipo de equipamento utilizado, por exemplo. Ele lembra, a propósito, que há cerca de quatro anos soube que o Cegraf comprou um moderníssimo equipamento de composição — só existiam três similares em funcionamento no mundo — mas não pode usá-lo: não existiam, no País, pessoas habilitadas para lidar com as máquinas.

Apesar do mistério, tanto empresários quanto profissionais afirmam que o Centro Gráfico do Senado é o mais bem equipado da América Latina. Ninguém sabe, também, o número de funcionários que efetivamente trabalham na gráfica, assinando o ponto todos os dias. Sabe-se apenas que eles foram divididos em três turnos, sendo o último das 19 horas a uma da madrugada.

Em virtude da polêmica criada nos últimos dias em torno das novas nomeações, os funcionários da Gráfica do Senado, recusaram-se a dar qualquer informação ou mesmo permitir a entrada de pessoas estranhas. A principal atividade da gráfica do Senado é imprimir o "Diário do Congresso", material de expediente, avulsos, coletâneas de livros e periódicos.